

Exclusividade e intolerância na Igreja Primitiva

*Flávio Schmitt**

Resumo

A tradição cristã é herdeira de padrões e paradigmas religiosos da tradição judaica. Não obstante ser “luz para as nações”, a tradição judaica, fundamentada na Bíblia Hebraica, afirma sua identidade no conceito de eleição. A tradição cristã entende que somente Jesus é o caminho de acesso ao Pai. Tendo por base essa dupla compreensão, a da exclusividade e da unicidade, do único, a tradição cristã passou a constituir sua identidade com base na negação das outras identidades. Toda a tradição apologética se inscreve nesta gramática. Porém, de modo especial, a Igreja primitiva irá combater as diversas manifestações religiosas presentes no mundo greco-romano do primeiro século afirmando tal compreensão. O gnosticismo foi uma das práticas mais combatidas. Este artigo trata da relação entre gnosticismo e Igreja primitiva nos primeiros séculos da era cristã na Ásia Menor e tem o objetivo de evidenciar a tensão e o conflito religioso presente nessa relação. Entende que na base do conflito está o paradigma da exclusividade e da intolerância.

Palavras-chave: Gnosticismo. Igreja primitiva. Exclusividade. Intolerância religiosa.

Exclusivity and intolerance in the Primitive Church

Abstract

The Christian tradition is heir to religious patterns and paradigms from the Jewish tradition. Despite being “light for the nations”, the Jewish tradition, grounded on the Hebrew Bible, affirms its identity on the concept of election. The Christian tradition understands that only Jesus is the way of access to the Father. Having as basis this double comprehension, of exclusivity and of unicity, of singleness, the Christian tradition began to constitute its identity through the negation of other identities. All of the apologetic tradition is inscribed in this grammar. However, in a special manner, affirming these comprehensions, the Primitive Church will wrestle the diverse religious manifestations present in the Greek-Roman world of the first century. Gnosticism was one of the practices most fought. This article treats the relation between Gnosticism

* É doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) e professor na Faculdades EST em São Leopoldo/RS. E-mail: flavio@est.edu.br.

and the Primitive Church in the first centuries of the Christian era on Asia Minor. It has the objective of emphasizing the religious tension and conflict present in this relation. It understands that, at the grounding of the conflict, is the paradigm of exclusivity and intolerance.

Keywords: Gnosticism. Primitive Church. Exclusivity. Religious intolerance.

Exclusividad y intolerancia en la Iglesia Primitiva

Resumen

La tradición Cristiana es heredera de padrones y paradigmas religiosos de la tradición judía. A pesar de ser “luz para las naciones”, la tradición judía, fundamentada en la Biblia hebrea, afirma su identidad en el concepto de elección. La tradición cristiana entiende que solamente Jesús es el camino de acceso hacia el Padre. Teniendo por base esa doble comprensión, exclusividad y unicidad, la tradición cristiana constituyó su identidad a partir de la negación de las otras identidades. Toda la tradición apologética se inscribe en esa gramática. Sin embargo, de modo especial, la iglesia primitiva combatirá las diversas manifestaciones religiosas presentes en el mundo greco-romano del primer siglo afirmando esta comprensión. El agnosticismo fue una de las prácticas más combatidas. Este artículo trata la relación entre agnosticismo e iglesia primitiva en los primeros siglos de la era cristiana en Asia Menor. Tiene el objetivo de evidenciar la tensión y el conflicto religioso presente en esa relación. Entiende que en la base del conflicto está el paradigma de la exclusividad y de la intolerancia.

Palabras clave: Gnosticismo, Iglesia Primitiva, Exclusividad, Intolerancia Religiosa

A tradição cristã é herdeira de um conjunto de elementos próprios da tradição judaica. Na medida em que o processo de formação das comunidades primitivas está em sintonia com a herança da tradição judaica praticamente não há espaço para o conflito. Enquanto o desenvolvimento da relação entre herança judaica e constituição da identidade cristã ocorre no contexto siro-palestinese, as tensões praticamente se concentram nas controvérsias em torno da identidade messiânica de Jesus. Somente a partir do momento em que as comunidades cristãs passam a ser constituídas fora desse contexto originário, as vozes dissonantes começam a soar mais alto.

Embora o ponto de partida da atividade missionária na Ásia Menor tenha sido a população de origem judaica, no âmbito da sinagoga, desde muito cedo Paulo percebeu que com esse público-alvo o “sucesso” do empreendimento estaria comprometido. Quando a atividade missionária se voltou para pessoas não judaicas de nascimento e religião, a tradição cristã se colocou em contato com uma vasta diversidade de experiências religiosas presentes naquele contexto cultural e geográfico.

Do ponto de vista religioso, as pessoas não eram uma *tábula rasa*; pelo contrário, a própria adesão à proposta missionária tem como pano de fundo

todo um repertório de signos compatível com o discurso cristão no qual estão as ideias e compreensões cristãs de vida, Deus e mundo.

Ao aderir ao cristianismo, os gentios convertidos em cristãos trouxeram consigo um conjunto de experiências. Os convertidos oriundos do gnosticismo encontraram no Jesus anunciado pelos missionários um paralelo com concepções gnósticas que falam de um ser preexistente, que se encarna, vem ao mundo, enfrenta adversidades e ao final da jornada volta para o lugar de onde um dia partiu.

Desse repertório de signos até Jesus foi um caminho bem mais curto. Gentios fizeram uma releitura de Jesus na perspectiva do evangelho gnóstico. Identificaram o príncipe preexistente enviado pelo pai como sendo o próprio Jesus.

Da identificação de Jesus para a releitura de outros elementos próprios da tradição religiosa e especificamente gnóstica foi somente uma questão de tempo. O resultado foi que as comunidades cristãs da Ásia Menor passaram a expressar os elementos de sua fé em Jesus por meio dos elementos da tradição religiosa precedente, especialmente a matriz religiosa de cunho gnóstico.

O presente artigo tematiza a relação entre cristãos e gnósticos no início da era cristã. Por meio de uma revisão bibliográfica, destaca aspectos que dizem respeito ao gnosticismo e sua compreensão. Também aponta elementos que contribuíram na construção da tensão que culminou na acusação dos gnósticos de hereges. Por fim, menciona iniciativas e práticas que conduzem à postura de exclusividade e intolerância na Igreja Primitiva.

1. Gnosticismo

Depois de se ocupar com as origens do gnosticismo, o Colóquio de Messina convencionou empregar a palavra *gnose* para indicar o “conhecimento dos mistérios divinos reservados a uma elite”. Por sua vez, a palavra *gnosticismo* deveria ser empregada para falar dos sistemas gnósticos do século II e seguintes, portanto para “indicar um fenômeno histórico específico” (BIANCHI, 1967, p. XX; apud FERNANDES, 2010, p. 20).

O gnosticismo, tal qual definido em Messina, é uma realidade presente em praticamente todo o mundo antigo. Tal presença se mostra particularmente desafiadora para a tradição cristã na Ásia Menor. O fenômeno constitui um “complexo de elementos míticos, místicos, psicológicos e filosóficos apresentados num amplo espectro de crenças e sistemas, surgidas no Oriente mediterrâneo e regiões adjacentes aproximadamente à época dos primórdios do Cristianismo”, onde, segundo Epifânio de Salamina, cada um deles produziu a própria escola de pensamento por suas paixões particulares próprias e inventaram inúmeros caminhos do mal (FERNANDES, 2010, p. 23).

O gnosticismo sempre foi considerado um fenômeno cristão, resultado da influência da filosofia grega e da religiosidade helenista (ECHEGARAY, 1994, p. 364). Hipólito de Roma e Irineu de Lyon são os autores cristãos que enfrentam a doutrina dos que são chamados de gnósticos (LAYTON, 2002, p. xxv). Até o século XVIII, as fontes de informação sobre a gnose eram as obras dos heresiólogos cristãos. Uma mudança significativa na compreensão do gnosticismo ocorre somente com o surgimento da *Religionsgeschichte* – “Escola da História das Religiões”. A partir dos estudos do gnosticismo como fenômeno religioso, a visão do fenômeno passa de seita herética para uma das muitas formas de expressão religiosa conhecida na Antiguidade.¹

Obras gnósticas originais traduzidas do grego para o copto foram encontradas no Egito ainda no século XVIII, especialmente os códices Askewianus, “contendo uma obra em quatro partes formada por diálogos entre Jesus, Maria Madalena e os outros discípulos, que é chamada *Pistis Sophia*” (MORESCHINI; NORELLI, 1996, p. 250).

Pelas importantes descobertas de Nag Hammadi, em 1946, sabemos que o gnosticismo é um fenômeno disseminado na sociedade antiga e que foi responsável por uma vasta produção literária, à qual se reportam seus adversários e contestadores. Como nos informa Fernandes (2010, p. 18), trata-se de um fenômeno bem mais difundido e influente do que aquilo que nos é dado a conhecer pela heresiologia cristã.

Entre os gnósticos mais conhecidos estão Simão Mago, descrito em Atos dos Apóstolos (At 8.9-11), Valentino, Basílides de Alexandria e Cerinto. Entre os gnósticos dos séculos II e III, o que mais chama atenção não são aos autores, mas as obras gnósticas e as ideias nelas contidas.²

2. O Gnosticismo Valentino

Valentino nasceu e viveu no Egito. Ali tomou conhecimento do pensamento gnóstico. Entre os anos de 118 e 138 da era cristã, trabalhou no Egito como mestre e escritor. Acredita-se que os fragmentos de suas obras preservados por um cristão do século II tenham sido escritos antes da partida dele de Alexandria. Nesse mesmo tempo deve ter acontecido o contato de Valentino com Teudas. Semelhantemente, devemos atribuir a familiaridade de Valentino com a literatura de Paulo ao tempo em que esteve em Alexandria.

¹ Entre os principais pesquisadores estão: W. Bousset, R. Reitzenstein, P. Wendland e M. Lidzbarski. No âmbito da teologia está R. Bultmann. Na filosofia G. Widengren e Hans Jonas.

² Simão viveu na Samaria e era conhecido como a Grande Potência. Acreditava Simão que, por meio da Potência Suprema, seu pensamento havia criado anjos e arcanjos. Cf. MORESCHINI, C.; NORELLI, Enrico. **História da literatura cristã antiga grega e latina**. São Paulo: Loyola, 1996-2000, p. 260.

O pensamento de Valentino reflete a influência de diferentes vertentes. O fragmento VFrC, ao falar de um ser “preexistente”, pressupõe um conhecimento do mito gnóstico que narra a jornada do príncipe. Além disso, Valentino também revela influência da literatura hermética grega do Egito. O misticismo dessa literatura, em que a salvação acontece por intermédio da gnose, pode ser constatado no *Evangelho da Verdade*, segundo o qual o conhecimento do salvador, de si mesmo e de deus constituem o centro de sua doutrina (LAYTON, 2002, p. 262).

Embora a data não possa mais ser definida com precisão, possivelmente tenha sido no ano 138 que Valentino aportou em Roma. Na capital do império, assumiu funções eclesiásticas. Ao que tudo indica, havia perspectivas de que fosse indicado e escolhido para bispo de Roma. No entanto, não foi isso que aconteceu; ao contrário, no decorrer do tempo, embora fosse um mestre cristão destacado, passou a ser alvo de críticas e ataques cada vez mais severos. Ainda assim, ele prosseguiu com seus ensinamentos até sua morte em 165 d.C.

Valentino foi um dos mais notáveis representantes de um fenômeno que representou a elite. A própria compreensão gnóstica distinguia diversas classes conforme tivessem em si a centelha divina ou não (MORESCHINI; NORELLI, 1996, p. 248); a adesão à gnose era evidência de pertencimento a tal classe privilegiada. Todo esse sistema passou a ser condenado, especialmente por Irineu de Lyon, a partir de 180 d.C.

O caráter elitista da gnose, a sua fragmentação em numerosos grupos e seitas resultante não só da polêmica de seus adversários, mas dos próprios textos gnósticos, a complexidade das doutrinas e a escassa preocupação organizativa contribuíram para manter o gnosticismo numa condição fortemente marginal. (MORESCHINI; NORELLI, 1996, p. 249)

Nessa mesma linha de Valentino podem ser mencionados Basíides de Alexandria e Cerinto. O primeiro foi um filósofo cristão em Alexandria. Segundo Layton (2002, p. 492), ele “parece ter adaptado a escritura, terminologia e os problemas cristãos às categorias da ética estoica”. A vida virtuosa consiste num estado da alma em perfeita harmonia racional com a natureza, permanecendo imperturbável.

3. Rumo à intolerância e à exclusividade

Chama atenção que a maioria dos autores gnósticos cristãos veio de uma tradição gnóstica e converteu-se ao cristianismo. Eles viveram sua fé e ensinaram em ambientes cristãos e posteriormente foram considerados heréticos. No processo de constituição da identidade cristã houve um refinamento das

concepções acerca de Jesus, Deus e Igreja. À medida que tais concepções estão mais claras, amparadas até mesmo em textos, a identificação de percepções diferentes fica mais fácil de ser percebida. Por fim, o elemento que faltava para configurar a autoridade: o poder. Somente com o processo de institucionalização e hierarquização, a Igreja passou a dispor de mecanismos de poder para acusar, julgar e condenar. “Os últimos conventículos gnósticos foram liquidados pela perseguição dos imperadores cristãos entre os séculos IV e V” (MORESCHINI; NORELLI, 1996, p. 249).

Conforme Layton (2002, p. XVII), a linha divisória entre uma igreja principal portadora de uma tradição central está relacionada com a ascensão ao trono imperial por Constantino, em 306 d.C. “A partir daí, o cristianismo começou a ser adotado, mais e mais abertamente, como religião do governo imperial romano”. Com essa mudança, aos poucos foi sendo construída uma compreensão de “igreja única, unida e ortodoxa”.

Cumprido destacar que os escritos gnósticos são anteriores ao estabelecimento de um cristianismo normativo. Remetem a um tempo no qual coexistem opiniões e tradições teológicas, geográfica e culturalmente, muito divergentes acerca da importância de Jesus. Nesse sentido, a literatura gnóstica se aproxima da apócrifa na medida em que introduz um “mundo espantoso de símbolos fantásticos, mitos belamente entrelaçados, assustadores habitantes celestiais e extraordinária poesia” (LAYTON, 2002, p. XIX).

As obras dos heresiólogos cristãos sintetizam as informações sobre a antiga gnose trazendo dados sobre as escolas e citando fragmentos e obras inteiras de autores gnósticos. Justino, com seu *Sintagma contra Marcião e todas as heresias*; Irineu de Lyon e a obra *Desmascaramento e confutação da gnose do falso nome*; Hipólito e seu *Elenchus* ou *Confutação de todas as heresias*; Epifânio de Salamina e seu *Panarion* (Caixinha de Medicamentos), já perto do final do século IV; são alguns dos autores que escrevem contra os gnósticos. Além deles, há autores de obras não especificamente anti-heréticas, como de Clemente de Alexandria e Orígenes, em que são citados nomes e fragmentos de autores gnósticos (MORESCHINI; NORELLI, 1996, p. 250).

Para os gnósticos, a salvação não é consequência da fé ou da prática de boas obras ou ainda da graça divina, mas do conhecimento vivificante. Nesse sistema, a ignorância ocupa o lugar do pecado (JONAS, 1963, p. 125). O conhecimento do ser humano é o começo da perfeição, e o conhecimento de Deus é sua consumação. Para o gnóstico, o “autoconhecimento é um caminho reintegrativo que leva à totalidade” (FERNANDES, 2010, p. 38).

A própria maneira de ler a Bíblia é diferente entre os gnósticos. A originalidade da literatura gnóstica reside na maneira de interpretar os textos da tradição judaica e cristã.

O que é original e primordial na escritura gnóstica são suas doutrinas e interpretações dos livros do Antigo e do Novo Testamento – especialmente sua franca hostilidade ao deus de Israel e suas opiniões sobre a ressurreição, a realidade da encarnação e do sofrimento de Jesus e a universalidade da salvação cristã. (LAYTON, 2002, p. XXII)

A compreensão cristã diverge significativamente da narrativa gnóstica, em geral, e da Valentina, em especial. Se para a narrativa cristã Deus é o único e exclusivo supremo Criador, na narrativa gnóstica há uma divindade suprema representada pelo Inefável e pelo Silêncio (LAYTON, 2002, p. 267).

Na concepção cristã, a criação do mundo tem sua origem num gesto livre e amoroso de Deus como Criador. Na visão gnóstica, a criação tem origem na queda accidental de um dos éons. Além disso, Deus cria do nada, a partir da sua vontade e de seu poder. Na tradição gnóstica, a matéria tem origem na corporificação dos sentimentos desagradáveis de uma divindade decaída.

Na tradição cristã, a figura do demiurgo está totalmente ausente. Já na concepção gnóstica, ele ocupa um lugar especial. O demiurgo é o encarregado de cuidar deste mundo. Não é Deus mesmo quem cuida do mundo, mas o demiurgo.

De acordo com a visão cristã, a queda do ser humano é resultado do pecado. Na concepção gnóstica, ela resulta de um ato supranatural do qual o ser humano está isento de culpa. Trata-se de uma condição. Por isso, também a própria concepção de ser humano é diferente na concepção cristã e gnóstica: para a tradição cristã, ele nasce à imagem e semelhança de Deus, portanto é divino desde a sua origem; na concepção gnóstica, somente o espírito é divino, somente o *pneuma* é divino desde a sua origem. Desse modo, somente o ser humano espiritual é divino.

No que diz respeito ao salvador, a tradição cristã entende que Jesus é o Salvador enviado por Deus para salvar o mundo. De acordo com os gnósticos, o enviado de Deus é um profeta. Sua missão não é salvar o mundo, mas dizer como o ser humano pode ser salvo por meio da gnose.

Para a compreensão cristã, está claro que o ser humano se salva pela fé, pela graça e pelas obras da fé. Para a concepção gnóstica, ele se salva por meio da *gnosis*. Isso significa que a natureza pneumática é decisiva na salvação de cada pessoa. Sem gnose não há salvação.

Por fim, a concepção gnóstica entende que o mundo termina com o fim do tempo demiúrgico. Depois que todo ser humano pneumático estiver reabilitado, aperfeiçoado pela gnose, o mundo acaba e já não haverá mais renovação material. Já para a visão cristã, o mundo se renova e no fim dos tempos a morte deixará de existir, quando os mortos serão ressuscitados em corpos celestiais (FERNANDES, 2010, p. 16).

Os pontos divergentes apontados na compreensão cristã e gnóstica explicam em boa medida as tensões surgidas entre cristãos gnósticos e as lideranças eclesiais zelosas pela preservação da reta doutrina. Segundo Moreschini e Norelli (1996, p. 253), os textos gnósticos operam uma síntese entre textos da tradição bíblica e de narrativas mitológicas de diferentes povos. Esse aspecto fica mais evidente na cosmogonia gnóstica: ao falar do homem primordial, fala de Adão como alguém criado por potências inferiores e aprisionado no corpo e que somente a gnose poderá libertá-lo. Além do aspecto sincretista da narrativa gnóstica, também transparece o desejo de apresentar esse sistema como uma religião universal, que reúne e ressignifica os elementos presentes de forma velada nas religiões e culturas.

A atitude de três heresiólogos para com o assunto que descrevem é franca e consistentemente hostil. Seu estilo é frequentemente irônico ou zombador [...] visto que seu objetivo último não é descrever, mas destruir. Nem é preciso dizer que o historiador tem de avaliar com muito cuidado a precisão e a verdade de tais fontes. (LAYTON, 2002, p. XXV)

Ireneu, no início de sua *Contra heresias*, expõe um sistema gnóstico que corresponde ao da escola de Ptolomeu, um dos ramos do gnosticismo Valentiniano (MORESCHINI; NORELLI, 1996, p. 258). Seu catálogo foi composto num tempo em que no sul da Gália o grego ainda era utilizado como língua culta e religiosa, enquanto nas demais igrejas do Mediterrâneo o latim já o havia substituído.

“Toda a reflexão teológica de Ireneu é condicionada por sua contraposição a gnósticos e marcionitas, mas sobretudo aos valentinianos, sobre o problema da salvação” (MORESCHINI; NORELLI, 1996, p. 314). A obra de cinco volumes, *Contra as heresias* (*Adversus haereses*), apresenta uma exposição do sistema gnóstico, seguido de quatro livros que refutam as doutrinas expostas.

Hipólito de Roma (170-236 d.C.), não obstante os numerosos escritos que lhe foram atribuídos, oferece algumas dificuldades, em vista da biografia incerta. Acerca de Hipólito como escritor, temos as informações de Eusébio; outras informações sobre ele tratam de seu martírio. A identificação do escritor e do mártir é mencionada por Jerônimo (MORESCHINI; NORELLI, 1996, p. 322).

A obra atribuída a Hipólito, *Confutação de todas as heresias*, tem o objetivo declarado de demonstrar que cada heresia cristã era proveniente de alguma escola filosófica grega. O sexto livro, que trata da grande revelação, apresenta a refutação das heresias de Simão Mago, Valentiniano e dos valentinianos, e de Marcos o Mago. Hipólito utiliza como fontes as próprias obras gnósticas que

refuta. Ao falar das heresias, se vale das obras de Irineu e de documentos originais que são reproduzidos ou resumidos (MORESCHINI; NORELLI, 1996, p. 327).

Além de Irineu e Hipólito, também Epifânio de Salamina (315-403 d.C.) pertence à mesma tradição literária empenhada em descrever e combater o gnosticismo cristão. No seu *Panarion*, ele descreve as heresias que lhe são contemporâneas.

Em todas as obras desses diferentes autores escritas em distintas épocas, há uma nítida preocupação em combater qualquer doutrina que não esteja sintonizada com o pensamento cada vez mais normativo da igreja cristã.

Considerações finais

A literatura gnóstica maneja com importantes crenças partilhadas por judeus e cristãos primitivos, em especial no que concerne à crença na bondade e onipotência de Deus. Quando de sua origem, essa literatura circulava como mais um entre os vários escritos cristãos antigos.

A vasta produção literária decorrente do encontro e desencontro entre as concepções gnósticas e cristãs será cada vez mais refutada pelas lideranças eclesiais na medida em que a comunidade cristã consolida sua identidade com base na doutrina elaborada em torno da pessoa de Jesus.

No processo de enfrentar as doutrinas do gnosticismo cristão, Irineu de Lyon, Hipólito de Roma e Epifânio de Salamina, dentre outros, desempenham papel de destaque. Além de descreverem as concepções que combatem, eles apontam as concepções supostamente equivocadas que são ensinadas pelos gnósticos.

Tanto a atitude de intolerância quanto a construção de uma compreensão de exclusividade da tradição cristã e de Cristo como caminho da salvação constituem elementos que cada vez mais caracterizam as concepções gnósticas como heresias.

Referências

DREHER, M. N. **A Igreja no Império Romano**. São Leopoldo: Sinodal, 1993. (História da Igreja, v. 1).

ECHEGARAY, J. G. **A Bíblia e seu contexto**. São Paulo: AM edições, 1994. (Introdução ao Estudo da Bíblia; 1).

FERNANDES, E. de A. **Antecedentes histórico-filosóficos da problemática do tempo e do mal no freiheitsschrift de schelling**: aproximações gnósticas. 279 f. Tese (Doutorado em Metafísica) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

HOERSTER, G. **Introdução e síntese do Novo Testamento**. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 1996.

JONAS, H. **The gnostic religion**: the message of the alien god and the beginnings of christianity. 2nd. Edition. Boston: Beacon Press, 1963.

LAYTON, B. **As escrituras gnósticas**. São Paulo: Loyola, 2002.

MORESCHINI, C.; NORELLI, E. **História da literatura cristã antiga grega e latina**. São Paulo: Loyola, 1996-2000. 3 v.

SIMON, M.; BENOIT, A. **Judaísmo e Cristianismo Antigo**: de Antíoco Epifânio a Constantino. São Paulo: Pioneira, 1987. (Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais História. 10).